

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



MULHERES NO HIP HOP: A IDENTIDADE FEMININA EM UM MOVIMENTO JUVENIL E ARTÍSTICO-CULTURAL

*Mércia Ferreira de Lima**

RESUMO

O artigo faz uma discussão de como é construída a identidade feminina em um movimento juvenil como o hip hop. Trata também da discussão entre sexo e gênero através de debates acerca dessas categorias. Partindo de tais debates, pretende-se neste artigo fazer uma análise de como isso influencia no reconhecimento de jovens mulheres em culturas juvenis e artístico-cultural como o hip hop. O artigo é o resultado de uma pesquisa feita para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e que está tendo continuidade para a dissertação do mestrado.

Palavras-chave: Identidade. Cultura-juvenil. Hip hop.

INTRODUÇÃO

Para compreendermos como se dá a participação feminina em movimentos sociais, sobretudo em movimentos juvenis, sendo o ponto focal do artigo, faz-se necessário compreendermos quais são as discussões sobre gênero e como ela é de fundamental importância para entendermos como são construídas as identidades femininas em movimentos juvenis. A pretensão do artigo é fazer uma análise de como a questão feminina é tratada nesses movimentos que englobam a questão racial e social.

O hip hop é um movimento juvenil tido, desde seu surgimento nas periferias dos grandes centros urbanos, como uma ferramenta de denúncia racial e social. No entanto, também é um movimento, de acordo com a análise histórica de como surgiu, que prevalece um machismo, sendo a mulher retratada como submissa ao homem. Podemos perceber essa submissão, sobretudo nas letras de rap de alguns

* Mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande. Pesquisadora bolsista pela CAPES. E-mail: mercia_lima2007@hotmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Para que possamos entender essa inserção da mulher no hip hop, proponho a divisão do artigo em algumas sessões para melhor compreender como se dá esse processo de inserção da mulher nesse movimento. No primeiro momento do artigo, será abordado como é construída a identidade feminina dentro de culturas juvenis, para tal abordagem utilizarei algumas teorias para que possibilite entender qual papel a mulher desempenha dentro de uma sociedade que tem suas raízes dentro de uma lógica paternalista.

Sabendo que essas divisões de espaços e comportamentos que ditam o que é feito para homem e o que é feito para mulher desde a infância, onde as crianças são treinadas desde cedo a ter maneiras de agir, logo entendemos que isso vai ser influenciado em sua vida adulta. Os espaços públicos são delimitados para a mulher, e o principal argumento para essa delimitação é de que existem obrigações que ela deve cumprir, como ser mãe, dona de casa, não ter idade suficiente e porte físico para desempenhar determinadas atividades que o homem pratica. Dentro da ótica do hip hop, onde é categorizado como uma cultura de rua, esse espaço no senso comum é restrito para a mulher.

No segundo momento do artigo, abordarei como se dá a participação feminina no movimento hip hop e qual meio e quais obstáculos uma jovem mulher enfrenta para se manter no movimento que tem como principal cenário vida urbana. Para o desenvolvimento desta sessão, utilizo alguns dados de campo e referências teóricas sobre o tema.

1. A IDENTIDADE FEMININA EM UMA CULTURA JUVENIL

De acordo com Judith Butler (2008), tornou-se impossível separar os estudos de gênero dos interesses da política e cultura. Através dessa argumentação, entendemos que o gênero tem de certa forma, uma construção cultural e que também é acionado como uma ferramenta a fim de interesses políticos. Butler sugere que é preciso repensar as construções das identidades políticas no feminismo, levando assim a construção de outros termos. É bem verdade que os estudos sobre gênero teve ao longo do tempo marcas das conquistas que o

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



movimento conseguiu nas últimas décadas, porém temos que levar em consideração que houve, de certa maneira, uma generalização do que é ser feminino e do que é ser masculino.

Assim que surgem os primeiros movimentos feministas, por volta da década de 1970 não se tinha uma separação, sendo categorizado por dualismo: masculino x feminino; mulher x homem. Categorias essas que excluem a questão social, racial e também de geração. O que se deve problematizar é que dentro da igualdade da mulher em relação aos homens existem diferenças que devem ser respeitadas. Sylviane Agacinski em *Política dos Sexos* argumenta que:

A diferença, portanto, não é o contrário da igualdade, mas da identidade: duas coisas são idênticas ou diferentes mesmo, que um objeto possa ser idêntico e outro sob determinado ponto de vista. Desse modo, o homem e a mulher são diferentes por certos caracteres e semelhantes por outros. Quanto à igualdade, ela se opõe à desigualdade, e não à diferença. (...) a igualdade das pessoas significa atualmente a igualdade de seus direitos civis políticos, e não fato de que essas pessoas sejam idênticas umas às outras por sua natureza ou mesmo por sua condição. (AGACINSKI, 1999, p. 163.)

O que se deve destacar aqui através da citação acima é que a luta por uma igualdade de sexo também é uma luta pelo reconhecimento das diferenças dentro dessa igualdade. Dentro das igualdades surgem diversas identidades femininas. As identidades de grupo e de indivíduos são pontos a serem discutidas e que acabam sendo enigmáticas. De acordo com Scott (2005), as identidades devem ser pensadas como processos políticos e sociais. A identidade é acionada, dependendo das circunstâncias em que o sujeito se encontra.

Para Butler (2008), as identidades são meras relações de poder. Pegar as características biológicas como um foco principal para determinar o que é identidade não é convincente. Para comprovar que há uma relação de poder para a construção dela, Butler utiliza-se da teoria de Freud sobre a *melancolia* para construir a sua. A *melancolia* em Freud é o luto pela perda de algo. A identidade masculina e feminina são, nesse caso, determinado pela proibição de viver a sexualidade como o indivíduo a deseja, logo o sujeito vive um luto por essa perda. A heterossexualidade é uma condição que faz o sujeito renunciar sua homossexualidade e uma repressão do luto que sente por essa perda. Nesse sentido, a identidade de gênero é fruto de

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



uma repressão da homossexualidade, sendo sempre acionada quando o sujeito se sente excluído.

Outro ponto que Butler destaca é a interpelação de Althusser, onde ele argumenta que o sujeito tem uma necessidade de se sentir interpelado para que sua identidade venha à tona. Butler denomina isso de “vontade de subordinação”. Ao ser interpelado, mesmo que de forma desrespeitosa, o sujeito se sente identificado, uma injúria levanta a possibilidade de desestabilizar a subordinação. Sendo a identidade uma forma de criar padrões através da complexidade do sujeito, a construção dessa identidade é também um processo de subordinação.

Dentro da lógica que Butler coloca a ideia de identidade, o hip hop foi de suma importância para a construção da identidade dos jovens negros que moram em áreas periféricas, pois esses sujeitos viviam às margens de uma sociedade em que os espaços de lazer são segregados para uma juventude que tem um poder aquisitivo melhor. O movimento hip hop é uma ferramenta não só dos jovens se divertirem, mas também um movimento social que denuncia todas as dificuldades que o jovem da periferia tem que conviver dia após dia. No entanto, essa identidade construída pelo hip hop em seu processo de legitimação não fez uma distinção de gênero. O que podemos caracterizar, através da citada autora, como uma subordinação da mulher. Com o decorrer de alguns anos, desde o surgimento do hip hop, surgem grupos de rappers, b.girls e grafiteiras compostos de mulheres que vão reivindicar seus direitos para a sociedade e fazer denúncias através dos elementos do hip hop do machismo que sofrem diariamente.

Do mesmo modo, os estudos sobre juventude e cultura juvenil, tende a generalizar e enquadrar esses termos como se fosse uma categoria única. Esses conceitos devem ser pensados e ser feito uma análise plural, abrangendo conceitos de juventudes e culturas-juvenis.

A identidade feminina, segundo a mesma autora, não deve ser o único fundamento da política feminista. A crítica da autora é sobre a construção dos corpos femininos e masculinos. Partindo dessa crítica, podemos pensar sobre como os corpos femininos são tidos como frágeis, sendo muitas vezes banalizados como não tendo uma força física para desempenhar determinados movimentos e

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



atividades. O corpo feminino é uma ferramenta de liberdade, e não definidora (BEURVOIR *apud* BUTLER).

Tendo gênero como um problema político e não como sexualidade. O feminismo de Butler pode ser classificado como um pós-feminismo, mesmo não sendo essa categoria aceita por ela. Mas o seu pensamento pode nos ajudar a pensar como a vida social é dinâmica e que o sujeito não tem uma identidade já estabilizada. As identidades são construídas ao longo do tempo.

(...) “O gênero, é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos, no interior de um quadro regulatório altamente rígido, que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência natural do ser.” Tornar-se um sujeito masculino e feminino, não é uma coisa que aconteça em um só golpe, de uma vez por todas, mas que implica uma construção que, efetivamente, nunca se completa.(...) (TIBURI, 2013, p. 32)

Nesse sentido, acredito que a afirmação de Simone de Beauvoir (1980) em que ela diz que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, é de grande relevância para a construção da identidade feminina. No hip hop, tornar-se e ser mulher envolve um processo histórico e sociocultural. A principal luta por parte das mulheres no movimento hip hop é de valorização a identidade feminina, dando destaque não só a questão racial e social, mas fazendo com que isso seja problematizado com a inserção da mulher.

Em princípio poderíamos pensar a invisibilidade feminina em culturas juvenis com em relação a divisão social do trabalho. De acordo com Bourdier (1990), em *A Dominação Masculina*, a ordem social faz uma divisão do que é masculino e o que é feminino. Dentro desse argumento, estaria os lugares públicos reservados aos homens e os lugares privados reservados as mulheres. Levando esse argumento para a discussão sobre gênero no hip hop, estaria a mulher limitada a esse movimento por ele ser uma cultura de rua, logo a rua seria um espaço público.

Nancy Fraser (2007) traz em seu debate a questão do reconhecimento e redistribuição que visam trazer uma crítica uma reformulação das bases teóricas e as práticas investigativas. (DIAS, 2012, p.94). O que Fraser propõe é que discriminações com certos fatos como: o casamento de pessoas do mesmo sexo, desigualdade racial, por exemplo, necessitam de políticas de reconhecimento.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



população norte-americana negra. A rua era o principal palco para a expressão desses movimentos, pois como surge em áreas periféricas, os jovens não tinham acesso a espaços de lazer mais sofisticados da época. No Brasil, o movimento surge na década de 1980 em São Paulo. O principal local em que surgiu o movimento foi na Estação São Bento em São Paulo, alguns meios de comunicação da época também foram responsáveis pelo advento do movimento hip hop.

Com o advento da tecnologia, o hip hop teve uma maior propagação, até mesmo em cidades de pequeno porte. O que se deve perceber é que o movimento vai ganhando novas incorporações, dependendo assim de região para região. Atualmente, as redes sociais como Facebook, por exemplo, têm contribuído para que o movimento ganhe bastante visibilidade.

O hip hop é um estilo de vida que tem quatro pilares como base de formação: o rap, o grafite, o DJ (disk-jockey), o *break*, e o MC (mestre de cerimônia). Um quinto elemento que os participantes do hip hop ressaltam é o elemento politizador. Weller (2006) argumenta que o hip hop foi de fundamental importância para a construção da identidade da cultura negra juvenil. Nesse sentido, com o despertar da mulher dentro do movimento, o hip hop não foi só importante para a construção da identidade juvenil negra, como também um instrumento de reivindicação dos direitos da mulher.

De acordo com referências sobre o tema, a participação feminina nesse processo histórico e de legitimação é invisibilizada, mas isso não significa que não existiam mulheres no movimento. Para Lima (2005) a presença feminina é marcada desde seu surgimento no Brasil. Ao se reunirem na Estação São Bento, os rappers por não terem acesso a sons com uma boa potência utilizavam latas de lixo para fazerem o som que necessitavam. Dentre esses rappers, se destacavam Sharylaine, considerada uma das pioneiras no cenário do hip hop brasileiro. Em 2010 surge a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop que tem como principal objetivo dar destaque as questões raciais e sociais voltadas para mulher, fortalecendo assim suas identidades.

Trazendo a discussão sobre a distinção de gênero para o movimento hip hop, a mulher é em muitos casos tida como coadjuvante, não tendo um espaço

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



identidade masculina, fazer esse mesmo processo com uma identidade feminina é ainda mais complicado.

CONCLUSÃO

Por ser um movimento que traz à tona questões que até pouco tempo não tinha seus próprios atores sociais como elemento politizador, o hip hop, em se tratando de questões femininas ainda vem dando seus primeiros passos para a inserção da mulher como protagonistas. A antropologia no âmbito urbano teve seu início marcado justamente pelas reivindicações desses atores que não tinha “voz” nem “vez” para questionar sobre os problemas que enfrentavam.

Os estudos sobre juventude deixa uma lacuna sobre como a jovem mulher foi invisibilizada, sendo ela apenas coadjuvante dos movimentos juvenis. A rua era, e ainda, é considerado um espaço em que a mulher não tem o direito de expor seus ideais, devido a uma cultura patriarcal, que dita os lugares que a mulher deve estar presente. Mas temos que destacar aqui, que existe uma forte luta por parte de mulheres que estão engajadas no hip hop que atenta as mulheres a enfrentar essas barreiras sociais que as impedem de ter seus direitos.

Através dos elementos do hip hop, a mulher consegue falar de si para outras que se encontram em uma mesma situação. A grande reivindicação do movimento, por parte das mulheres é que as demais mulheres tenha uma visão politizada e de valorização de si.

Segundo Butler, não se deve negar as conquistas pelo movimento feminista. Porém ainda existe uma não aceitação da presença de mulheres em movimentos como o hip hop. Por ser um movimento que luta por direitos iguais e por uma sociedade mais justa, o papel da mulher ainda está dando seus primeiros passos. Podemos atribuir isso as dicotomias que a sociedade impõe, existindo assim uma certa timidez de mulheres em expressar suas vontades, devido ao medo de exclusão que essa mesma sociedade lhe afetará.

Ainda de acordo com Butler (2008), a categorização de que as identidades são reconstituídas constantemente faz com que a jovem mulher em movimentos

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



ganhe mais autonomia para reivindicação de seus direitos. Ao contrário, com a ideia de identidade fixa, estaríamos arriscados a cair em uma aceitação de tudo que a sociedade nos impõe.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. V 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (Trad.) Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Sujeito do sexo/ gênero/desejo**. In: Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. pp. 07-60.

CYFER, Ingrid. **Feminismo, sexualidade e justiça no debate entre Judith Butler e Nancy Fraser**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, N. 4. Brasília, julho-dezembro de 2010. pp. 355-374.

TIBURI, Márcia. **Judith Butler feminismo como provocação**. Revista Cult, 185. Ano 16, Nov. de 2013. pp. 20-47.

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?** In: Lua Nova, São Paulo, 2007. 101- 138.

LIMA, Mariana Semião de. **Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap**. 2005. 124 f. Dissertação do programa de pós-graduação em educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2005.

MAGNANI, José Guilherme. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. In: Na Metrópole: Textos de antropologia urbana. (Org.) MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Luca. São Paulo: EDUSP, 1996.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 13 (1): 2016, janeiro/abril/2005. P. 11-30.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



WELLER, Wivian. **A invisibilidade feminina nas (sub)culturas**. In: COSTA, Márcia Regina, SILVA, Elizabeth Murilho (Org.). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: PUCSP 2006. p 111-149.

Discografia.

AFRONORDESTINAS. **Mulher**. Intérprete: Kalyne Lima e Luana Lima. In: Afro-Nordestinas. João Pessoa: Peixe Boi, 2011. 1 CD. Faixa 8.